

A Semana



Yellen otimista

Uma avaliação otimista sobre o desempenho da economia dos Estados Unidos feita por Janet Yellen, presidente do Federal Reserve, o banco central norte-americano, estimulou as especulações em torno de uma alta dos juros no país. Atualmente a taxa está em 0,25% ao ano. Segundo Yellen, a perspectiva atual e o fluxo de dados são "consistentes" com um aumento. O Fed vai discutir o tema nos dias 15 e 16 de dezembro.



PIB/ O buraco é mais embaixo

A recessão no Brasil se agrava, mas o governo parece ignorar as consequências

DIVULGADA PELO IBGE na terça-feira 1º, a queda de 1,7% do Produto Interno Bruto no terceiro trimestre em relação ao mesmo período anterior é a evidência mais recente do efeito letal de se acrescentar a uma economia estagnada um ajuste fiscal com redução severa do investimento público e manter a taxa de juros mais alta do mundo. A indústria de transformação arrastou a economia para baixo, mostram os declínios de 7,3%, 8,1% e 11,3% no setor, sucessivamente nos três primeiros trimestres deste ano comparados a iguais períodos de 2014, superiores às quedas de 2%, 3% e 4,5% do PIB total. Construção civil, comércio e transporte recuaram 6,3%, 9,9% e 7,7% no terceiro trimestre, diante do desempenho dos primeiros três meses do ano passado.

A Formação Bruta de Capital Fixo declinou 15%, depois das variações negativas de 10,1%

e 12,9% nos dois primeiros trimestres deste ano, e arrastou a taxa de investimento do País para 18,1%, uma demonstração do papel decisivo da retração das inversões no encolhimento da economia.

A Operação Lava Jato contribuiu com 2,5 pontos percentuais negativos no PIB do ano, calcularam algumas consultorias. O Brasil caminha para uma retração de 4%, em 2015, e quase 6% nos últimos dois anos. Em uma lista de 42 economias, o País é o antepenúltimo em performance econômica.

Empenhado em cortar gastos, o Ministério da Fazenda declarou que o ajuste fiscal é indispensável para reverter a recessão. Em maio, o ministro Joaquim Levy disse e os jornais publicaram: "O governo cortou com muita cautela, com muito equilíbrio, na medida em que se poderia fazer, inclusive sem pôr o menor risco em relação ao crescimento econômico". Vê-se.



9.12.15

Turquia/ O Czar e o Sultão

O confronto entre Putin e Erdogan dificulta a luta contra o EI

HÁ ALGUM TEMPO, parecia haver uma convergência entre os regimes semiautoritários de Moscou e Ancara, ao menos quanto à cooperação econômica. A derrubada do bombardeiro russo, em 24 de novembro, mudou completamente esse cenário. A Rússia suspendeu um projeto de gasoduto destinado à Turquia e impôs sanções ao comércio e turismo com o país.

O golpe mais sério foi denunciar a cumplicidade do presidente Recep Tayyip Erdogan com Al-Baghdadi.

Além de apresentar fotos de caminhões com petróleo do Estado Islâmico passando por postos da fronteira turca (seriam 200 mil barris por dia), o governo russo afirma que a família do presidente turco lucra com esse tráfico ilegal e o dinheiro pago é usado pelos jihadistas para comprar armas, veículos e munições em território turco. EUA e Europa (salvo Grécia), cuja prioridade é

reduzir a influência russa, têm interesse em acirrar esse conflito, fato do qual os fundamentalistas islâmicos poderão tirar proveito.



Putin ataca o ex-aliado Erdogan

Boas-festas e infeliz massacre novo

Dia 2, quarta-feira, 336º dia do ano, presenciou o 355º massacre com armas de fogo nos EUA, que deixou ao menos 14 mortos e 21 feridos. Um jovem casal de origem paquistanesa, depois abatido pela polícia, usou armas compradas e registradas legalmente para irromper em uma festa de confraternização de fim de ano em um centro de atendimento para deficientes, na qual o marido estivera antes de deixá-la em fúria por motivos desconhecidos. Até o fechamento da edição, não estava claro se os perpetradores pertenciam a alguma organização terrorista, foram açulados por propaganda jihadista ou apenas motivados por rancores pessoais, mas é certo que a facilidade do acesso a armas de fogo foi essencial.

Venezuela/ RISCO DE CAOS À VISTA

POSSÍVEL VITÓRIA DA OPOSIÇÃO DEVE AGRAVAR A CRISE POLÍTICA

Na última semana antes das eleições legislativas de 5 de dezembro na Venezuela, as pesquisas continuaram a indicar a vitória da oposição com cerca de 60% dos votos. Se estiverem corretas, a composição da Assembleia, atualmente formada por 98 chavistas, 65 opositoristas de direita e 2 da esquerda independente, deve inverter-se, ou

quase. Os antichavistas mais otimistas esperam conquistar uma maioria de dois terços, ou pelo menos 110 deputados.

Caso se confirme, a derrota de Nicolás Maduro, a instabilidade política se somará ao quadro de crise econômica. Com uma maioria opositorista no Congresso e com grande parte dela empenhada em derrubar o pre-

sidente e anular o chavismo o mais rapidamente possível e por qualquer meio, governar no clima de polarização será quase impossível. Dadas as profundas divergências na coalizão opositorista, mesmo o afastamento legal do presidente por um referendo revocatório, possível a partir de abril de 2016, não encerraria o conflito.



MANDEL NGANI/AFP, ISTOCKPHOTO, MAXIM SHIPENKOV/AFP E FEDERICO PARRA/AFP

